ano de 2021 com 53,90%, e o reforço aos quatro anos de idade não houve registro entre 2012 e 2016, a partir de 2017 foram registrados a CV e constata-se que os valores se mantiveram abaixo do preconizado pelo MS e novamente o ano de 2021 obteve destaque negativo com 44,60%. Observa-se também diferenças consideráveis da CV quando compara os estados do nordeste, visto que o Maranhão se destaca com menor índice, 65,56%. O Nordeste destaca-se negativamente em comparação ao sul, que obteve o melhor índice no período delimitado, cujo valor foi de 84,31% da CV.

Conclusão: A região nordeste apresenta uma redução no índice de vacinação entre o período de 2012 a 2022 com valores preocupantes para a saúde pública. Além disso, é notável o impacto negativo da pandemia sobre a cobertura vacinal a partir de 2020.

Palavras-chave: Pandemia Pólio Oral Vacinação

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103109

INFECÇÕES COMUNITÁRIAS (PELE E PARTES MOLES, OSSOS, ARTICULAÇÕES, INFECÇÕES RESPIRATÓRIAS, ENDOCARDITES, SISTEMA DIGESTÓRIO, INFECÇÕES DO SNC, INFECÇÕES URINÁRIAS, INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS, SEPSE)

A PREVALÊNCIA DOS CASOS DE HANSENÍASE NO ESTADO DO AMAPÁ ENTRE OS ANOS DE 2018 A 2022

Leonardo Lameira Lopes*,
Thaiane dos Santos Oliveira, Bruno Portela Dias,
Dimitri Ferreira dos Santos, Ivan Andrade dos Santos,
Douglas Machado Costa, Arieta de Souza Barros Vales,
Juliana Alencar Isacksson Vieira,
Paulo de Oliveira Neto,
Amersa Christiny Rodrigues Maramalde,
Luana Oliveira Rodrigues, Emanuelle Portal Moraes,
Elizeu Leão da Silva

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, AP, Brasil

Introdução: A hanseníase é uma doença infectocontagiosa crônica causada pela bactéria Mycobacterium leprae. Transmitida pelo contato com indivíduos não tratados, ela acomete a pele e os nervos periféricos e atinge pessoas de qualquer sexo ou idade, possuindo diferentes formas clínicas. Em virtude de sua alta prevalência e curso progressivo, a hanseníase é considerada um importante problema de saúde pública em todas as regiões do Brasil, em especial nas de baixa renda. Assim, o objetivo deste trabalho é investigar os aspectos epidemiológicos da hanseníase no estado do Amapá entre os anos de 2018 e 2022.

Metodologia: Foi realizado um estudo descritivo com o uso de dados secundários, coletados do Sistema de Informação de Notificação de Agravos (SINAN), disponíveis na plataforma do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS)

Resultados: Durante o período analisado, houve a notificação de 590 casos totais de hanseníase no estado do Amapá. Na medida em que os anos de 2018 e 2019 destacam-se, com 26,4% e 27,8% dos casos respectivamente, observa-se uma queda nos anos subsequentes. A análise de casos por sexo demonstra que os homens representam 69,5% dos casos totais da doença. Além disso, evidencia-se a predominância de casos em indivíduos de cor parda (71,8%) em relação às demais etnias. A faixa etária mais acometida foi a de jovens e adultos com idade entre 20 e 39 anos. Também é perceptível a concentração das notificações de casos na capital Macapá, com 83,2% do total. Em relação à escolaridade, nota-se uma quantidade significativa de indivíduos com ensino fundamental incompleto, em especial da 1ª a 4ª série incompleta (18,31%). A forma clínica mais prevalente da doença foi a dimorfa (47,29%), enquanto a classe operacional de maior frequência foi a multibacilar (70,17%), com cerca de 47,9% dos indivíduos apresentando mais de 5 lesões cutâneas, com maior potencial de transmissibilidade.

Conclusão: Dessa forma, conclui-se que, entre os anos de 2018 a 2022, a hanseníase no estado do Amapá atingiu principalmente a população masculina, de cor parda, de baixa escolaridade, com idade entre 20 e 39 anos. É notável uma queda no número de notificações de casos após o ano de 2019. Ademais, também houve a predominância das formas multibacilares da doença. Nesse sentido, mostra-se fundamental a manutenção das estratégias de detecção precoce e tratamento da hanseníase, com o fim de alcançar o maior controle da doença e evitar suas sequelas na população.

Palavras-chave: Hanseníase Mycobacterium leprae Amapá Doenças infectocontagiosas Região amazônica

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103110

ABSCESSO CEREBRAL PIOGÊNICO EM PACIENTE COM MALFORMAÇÃO ARTERIOVENOSA PULMONAR - RELATO DE CASO

Júlia Domingues Gatti*, Júlia Lustosa Martinelli,
Daniele Cardoso dos Santos,
Alessa de Andrade Santana,
Andressa Caroline Paranhos

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil

A malformação arteriovenosa (MAV) pulmonar é uma condição rara, até 90% das vezes associada à teleangiectasia hemorrágica hereditária (THH), podendo apresentar como complicação a embolização paradoxal com formação de abscesso cerebral em cerca de 5% dos casos. Descrevemos caso de abscesso cerebral como primeira manifestação de MAV pulmonar isolada. Paciente masculino, 66 anos, previamente hígido, com 8 meses de evolução de perda ponderal, febre intermitente, inapetência e cefaleia, procurou atendimento devido hemiparesia à direita e disartria súbitas. Após descartado acidente vascular cerebral, RM de crânio evidenciou lesão expansiva periventricular ao giro pré- central esquerdo, compatível com abscesso piogênico complicado com extravasamento para ventrículos laterais. Procedida coleta de líquor com crescimento de Streptococcus intermedius e instituído tratamento com Ceftriaxona, Metronidazol e

corticoterapia. Não foi indicada abordagem neurocirúrgica. Em investigação etiológica, Tomografia de tórax identificou malformação arteriovenosa justapleural em lobo pulmonar inferior direito, assintomática até então. Sem demais evidências de teleangiectasia hemorrágica hereditária, endocardite ou abscessos em demais sítios. Não foi identificado histórico de infecções ou manipulações odontogênicas. Indicada então abordagem cirúrgica ambulatorial de MAV após resolução do processo infeccioso. Evolui com melhora clínica e radiológica, recebendo alta hospitalar com perspectiva de continuidade de antimicrobianos ambulatorialmente por 6-8 semanas, guiada por reavaliação radiológica. Retorna após uma semana com recrudescência de febre, cefaleia refratária e piora dos marcadores inflamatórios. Em ressonância magnética de crânio, evidenciada nova lesão temporal parahipocampal à esquerda, sem alterações liquóricas associadas. Novamente, sem indicação neurocirúrgica. Permanece internado com tratamento antimicrobiano e corticoide, com melhora progressiva, sendo realizada lobectomia pulmonar para correção de MAV objetivando evitar novas embolizações. Em conclusão, embora Streptococcus intermedius seja agente comum associado aos abscessos cerebrais, na revisão de literatura realizada são raros os relatos de abscesso cerebral piogênico pelo agente relacionado à MAV pulmonar isolada, na ausência de teleangiectasia hemorrágica hereditária. O relato reforça a necessidade da inclusão da MAV como diagnóstico diferencial na investigação etiológica do abscesso cerebral.

Palavras-chave: Abscesso cerebral Ventriculite Malformação arteriovenosa pulmonar Streptococcus intermedius

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103111

ABSCESSO PERIRRETAL POR MICOBACTÉRIA NÃO-TUBERCULOSA COMO COMPLICAÇÃO DO USO INADVERTIDO DE ANABOLIZANTES INJETÁVEIS

Juliana Cavadas Teixeira*,
Eusébio Lino dos Santos Junior, Igor Maia Marinho,
Jorge Salomão Moreira

Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (HCFMUSP), São Paulo, SP, Brasil

O grupo Mycobacterium fortuitum é composto de micobactérias de crescimento rápido, causadoras frequentes de infecções de pele e partes moles usualmente por inoculação direta. Estão relacionadas a infecções de sítio cirúrgico, infecções de cateteres, medicações injetáveis, trauma ou tatuagens, geralmente através da contaminação de soluções ou equipamentos médicos. Relatamos o caso de um homem cis, 24 anos, sem comorbidades, que estava em uso de anabolizantes injetáveis inadvertidamente, com condições de armazenamento e antissepsia inadequadas. Após três meses, apresentou celulite em nádega direita, para a qual realizou múltiplos tratamentos antimicrobianos sem melhora clínica. Cinco meses após a última aplicação, apresentou piora da dor local e foi internado para abordagem cirúrgica, após evidência de abscesso em glúteo, região inguinal e pélvica perirretal à direita em exame de imagem. O material purulento obtido na drenagem do abscesso foi enviado para cultura e houve o isolamento da micobactéria do grupo Mycobacterium fortuitum. Recebeu antibioticoterapia com doxiciclina, amicacina e levofloxacino por 5 semanas, e logo após transicionado para doxiciclina, ciprofloxacino e claritromicina com programação de tratamento por um ano. O teste de sensibilidade demonstrava resistência à moxifloxacina e ao sulfametoxazol-trimetoprima. Houve resolução dos sinais inflamatórios e da drenagem purulenta local. A maioria dos casos de infecção de pele e partes moles por M. fortuitum tem infecção limitada, porém neste caso apresentamos um paciente com evolução atípica devido à extensão da infecção com formação de abscesso perirretal. Além disso, poucos são os relatos descritos na literatura relacionados ao uso de anabolizantes injetáveis. A apresentação clínica da infecção por M. fortuitum geralmente é de nódulos solitários, porém também podem ocorrer abscessos, celulite, foliculite, linfadenite e osteomielite. Este grupo de bactérias é suscetível in vitro a amicacina, cefoxitina, imipenem, tetraciclinas, sulfonamidas, fluoroquinolonas e linezolida. O tratamento geralmente envolve duas a três drogas com atividade contra estes organismos e a duração do tratamento é individualizada. Desbridamento cirúrgico é considerado um tratamento adjuvante importante em alguns casos. Este caso ilustra o potencial patogênico de bactérias de grupo M. fortuitum em procedimentos não médicos com quebra de barreira cutânea e a necessidade de suspeição em casos de apresentação similares.

Palavras-chave: Mycobacterium fortuitum Abscesso perirretal Anabolizantes

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103112

ACTINOMICOSE DA ORELHA MÉDIA E MASTÓIDE: UM RARO CASO DE OTOMASTOIDITE DE ORIGEM GRANULOMATOSA

Juliana Cavadas Teixeira*,
Pedro Henrique Siqueira Carvalho, Mariane Taborda

Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (HCFMUSP), São Paulo, SP, Brasil

Actinomyces são bactérias filamentosas gram-positivas anaeróbias mais comumente envolvidas em infecções granulomatosas cervicofaciais. Geralmente têm curso clínico indolente, porém, em alguns casos, podem ser localmente destrutivas. Estes organismos são raramente implicados em infecções do ouvido médio, ocasionalmente causando complicações como mastoidite crônica. Relatamos o caso de um homem, 48 anos, em situação de rua, com quadro de otalgia, otorreia purulenta e saída de cerca de trinta larvas de orelha esquerda há cinco dias. Também apresentava quadro de tosse subaguda, perda de peso e febre não aferida. Ao exame, constatou-se quadro de miíase em orelha esquerda com otite externa e pericondrite. Exame de tomografia computadorizada mostrou mastóide preenchida por material granulomatoso, com falhas ósseas da mastóide e osso temporal. Foram retiradas manualmente mais de quinze larvas e iniciado antibioticoterapia com ciprofloxacino. Cultura de secreção de orelha esquerda mostrou crescimento de Bacteroides ovatus e Streptococcus